

O DEUS ÚNICO NAS DISTINTAS FORMAS DE REVELAÇÃO¹

Josuel dos Santos Boaventura*

¹ Aprofunde este assunto em CNBB. *A Igreja católica no Brasil diante do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, Coleção Estudos da CNBB, v. 69, 1993; também *Guia para o diálogo Inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, Col. Estudos da CNBB, 1987; Diocese de Quelimane. *Ritos tradicionais e vida cristã*. Zambézia: Cadernos 'Os Leigos', 1984; LANGA, A. *A oração cristã e exigências da inculturação*. Maputo: Paulistas, 1993; ainda do mesmo autor: *Questões cristãs à religião tradicional africana*. Braga: Paulistas, 1992; 1984; AUNEAU J. e VV.AA. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990; BAUER, J. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1994. V.2; Bibliografia Bíblica Latino-americana, Petrópolis: Vozes, v. 8, 1995, p. 74; CECHINATO, L. *O Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1972. CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979; CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. I, São Paulo: Millennium, 1983; CNBB. *Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Petrópolis: Vozes, 1993; Concílio Ecumênico Vaticano II. *Declaração Nostra Aetate*. 1965; e ainda: *Declaração Lumen Gentium*. 1965; *Declaração Dei Verbum*. 1965; *Declaração Gaudium et Spes*. 1965; *Declaração Ad Gentes*. 1965; *Declaração Nostra Aetate*. 1965; LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992. VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1985; WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa, as grandes religiões do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1989; ZILLES, Urbano. *Religiões: crenças e credences*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 225-230; ZUMSTEIN, J. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

* Pós-graduando em Processo Matrimonial Canônico, do Programa de Pós-Graduação em Teologia, da FATEO – PUCRS.

Resumo

Deus se faz próximo do ser humano, não lhe dificultando o acesso. A Revelação é um privilégio de uma escolha única: é Deus quem toma a iniciativa e se revela através de alianças e promessas. Na Revelação cristã, a Palavra se faz carne e estabelece sua tenda entre os humanos; é Deus quem desce para fazer subir a humanidade, segundo a antiga formulação dos Padres do Oriente. Mas gratuidade não quer dizer comodidade ou acomodação. Ao Deus que se revela dá-se o generoso assentimento na fé. É a graça no seu sentido mais objetivo: Deus e o seu favor misericordioso e o ser humano com sua resposta e compromisso, no dizer bíblico: *Fala, Senhor, que teu servo escuta!* (1 Sm 3, 10).

Palavras-chave: Revelação, eleição, graça e salvação, diálogo inter-religioso.

Abstract

God, by the Revelation, is near to us and doesn't difficult the access to Him. God's Revelation is an initiative of Himself and a sign of His love. When Jesus Christ came to our world, He has made His tent among the elected people. Thus He has elevated us to the heaven. By means of our faith, we give the assent to God's Revelation and open our hearts to say: "Speak, o Lord, your servant hears".

Key words: Revelation; election; grace and salvation; interreligious dialogue.

Quando se examinam de perto as riquezas do budismo ou da tradição hinduísta, quando se admira a grandeza de Zaratustra e também, em tantos aspectos, a Mahoma, já não se pode continuar crenedo, sem ferir o senso comum, que fora da Bíblia tudo são trevas ou que as outras práticas religiosas têm sua origem no diabo. (...) As religiões, cada uma delas, são totalidades complexas de resposta ao divino², 'com suas diferentes formas de experiência religiosa, seus próprios mitos e sím-

² QUEIRUGA, A. T. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 16.

*bolos, seus sistemas teológicos, suas liturgias e sua arte, suas éticas e estilos de vida, suas escrituras e tradições – todos elementos que interagem e se reforçam mutuamente. E estas totalidades diferentes constituem diversas respostas humanas, no contexto das diferentes culturas ou formas de vida humana, à mesma realidade divina, infinita e transcendente*³.

Introdução

Deus intervém na história da humanidade. Ele se revela como pessoa. Há um emigrar-se, um sair de si, a fim de estabelecer um encontro de liberdades, em que quem sai ganhando é o próprio ser humano que encontra adequada resposta à pergunta sobre o sentido de tudo e principalmente sobre o sentido de sua vida. A sua pergunta é a primeira a falar de Deus, pois a “Revelação é algo tão intersubjetivo que fica difícil saber onde um começa e onde outro termina. No entanto, é necessário termos presente que Deus é quem toma iniciativa em revelar-se à humanidade, e isso acontece por sua própria vontade, por amor aos seres humanos. É por sua intrínseca bondade, que o faz ser bom para com todos, que acontece a Revelação. Nada o obriga a revelar-se, nem o ser humano o merece”⁴.

No imenso universo, que nos rodeia, contemplamos um Deus criador, que não poupou esforços em se tratando de beleza. Aí o ser humano consegue descobrir uma fala de Deus, pois toda natureza é revelação sua. Mas esta não responde aos enigmas profundos da condição humana. Esta resposta o ser humano vive procurando, por meio das religiões (NA 1), é nelas que ele con-

³ GOD, *apud* QUEIRUGA, A. T., *op. cit.*, p. 16s.

⁴ Cf. PIAZZA, W. O. *Teologia fundamental para leigos: a Palavra de Deus na Sagrada Escritura*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 139.

segue expressar os seus profundos anseios, seus maiores segredos, desejos, sonhos, aspirações e carências. Aí ele projetou suas faltas, limites, lacunas, clamando por enchimento e consegue encontrar consolação e satisfação naquilo que lhe falta. Esta é sua experiência do Sagrado. Deus aí se revela como plenificador e consolador. Ele se antecipa, realizando os anseios e desejos da plenitude de suas criaturas, pois ninguém conhece melhor o que há de necessidade na pessoa humana que o próprio Deus⁵.

1 Deus quis revelar-se à humanidade: o problema da Revelação nas religiões

Deus se faz próximo do ser humano; não dificulta o acesso deste a ele. É por um desígnio salvífico do próprio Deus que esta realidade se torna “parte” e que a história humana se torna história de salvação. E diante desse mistério a religião teve um papel fundamental:

(...) faz ressoar dentro da pessoa a voz de Deus que o anima, o chama à vida e à comunhão, a uma plenitude que inicia na história e que responde ao desejo de eternidade de todo ser humano. Transmite elementos que possibilitam às pessoas experiências significativas. Responde-lhes as perguntas mais profundas e sérias da vida, tais como a presença do mal, da morte, da iniquidade, de um lado, e o desejo de felicidade, de eternidade, de outro⁶.

Muitas são as formas religiosas e todas, de modos bem diversos, “trazem elementos de contato e presença de Deus”. Objetos, por exemplo, que em algumas religiões se revestem de sacralidade, para outro nada significam. Nas religiões primitivas,

⁵ Cf. LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 269.

⁶ *Id. Ibid.*, p. 248.

as hierofanias acontecem de forma bem narrada e rica, através de ritos, mitos, animais, plantas, os mais diferentes objetos, lugares, pessoas, símbolos, etc⁷.

Como se pode perceber acima, a experiência do Sagrado, para um povo, vai depender muito de sua realidade histórica, sociológica, enfim, de sua cosmovisão. Será tanto mais intensa quanto maiores forem as suas buscas; será melhor vivenciado o sentido da Revelação, se, por trás do elemento natural, abundância de dons, conseguirem descobrir o Ser que os concede e os faz acontecer ininterruptamente.

O próprio Concílio Vaticano II reconhece todo um esforço, por parte das religiões em buscar a Deus, de diversos modos, através de símbolos, doutrinas e regras de vida e ritos sagrados (NA 2) e esses ritos vêm carregados de presença de Deus, através dos quais há uma verdadeira comunicação, uma verdadeira Revelação. Toda religião apela para Revelações e, por isso, vai apresentar sempre traços comuns, ajudando-se numa tomada de consciência de presença do Divino no mundo, buscando, assim, viver conforme a provocação dessa presença reveladora. Ampliando mais o conceito de Revelação, J. B. Libanio cita Torres Queiruga:

A Revelação é tudo: desde o rito no qual se presencializa a ação primordial divina, até o mito, no qual a experiência do Sagrado se converte em expressão fabuladora, desde a oração, onde o Divino se faz presença dialogante, até a ação moral, onde

⁷ Cf. LIBANIO, J. B. *Deus e os homens: os seus caminhos*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 142. E continua o texto: “O momento histórico e cultural de um povo é decisivo para as suas hierofanias. Assim os povos nômades, que viviam mais da caça, eram obcecados pela figura do animal. Ou sacralizavam algum animal, em geral feroz, ou invocavam um “Senhor dos animais” (...). Outros povos já sedentarizados, envolvidos com a agricultura, cercam a natureza de mistérios sagrados com ritos de fecundidade ou fertilidades com divinizações de fenômenos naturais ou de astros” (*Id. Ibid.*, p. 142-143).

é simples presença que manda, ampara ou julga, desde o templo e os lugares onde a presença se configura, até as mil modalidades de hierofanias, nas quais aparece a infinita riqueza de seu rosto, ou inclusive até o tabu, onde se manifesta o aspecto negativo de seu poder⁸.

É um trecho pequeno, mas muito rico em seu conteúdo, apresentando os diversos modos de se chegar ao Deus único e o modo de agir de Deus que ultrapassa a nossa pobreza de concepção a seu respeito. Deus se aproveita de tudo isso para a sua comunicação, mas não se esgota em nada disso. O ser humano apela para Deus, usando todas as formas de que dispõe; Deus, sem precisar apelar, se faz presente no coração humano em todos os atos em que sua presença e ação são invocadas com sinceridade e temor devidos.

2 Revelação na Bíblia: Deus escolhe um povo por amor

A Revelação, neste ponto, é vista como privilégio de uma escolha única. Como sempre acontece, é Deus quem toma a iniciativa e se revela a um povo e faz deste o seu povo escolhido, através de alianças e promessas. Trata-se, primeiramente, do “encontro de alguém com alguém, de alguém que fala de alguém que ouve e responde. Dirige-se Deus ao homem como um Senhor a seu servo, interpela-o, e o homem, que ouve a Deus, responde pela fé e pela obediência”⁹.

A Revelação, assim como é apresentada na Bíblia, tem como finalidade estabelecer relação de amizade entre Deus e o ser humano. Nesse sentido, é bem original e única, diferentemente dos outros povos:

⁸ TORRES QUEIRUGA, A., *apud* LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 270.

⁹ Cf. LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, p. 13.

O Deus da Bíblia é um Deus ‘vivo’, isto é: consciente de sua realidade pessoal, porta-se perante o homem com a liberdade de um Criador (transcendentalismo) e com o interesse de um Pai (e até de um esposo, conforme o profeta Oséias), exigindo ao mesmo tempo sujeição e amor...¹⁰

O Deus da vida, querendo manifestar o seu plano de salvação para toda a humanidade (*DV* 14) escolhe para si um povo, o povo de Israel. Mas por que Israel? O próprio Deuteronômio fundamenta: “Não é porque vocês são os mais numerosos entre todos os outros povos, pelo contrário, vocês são o menor de todos os povos! Foi por amor a vocês e para manter a promessa que ele jurou aos antepassados de vocês” (*Dt* 7, 7-8).

Toda essa predileção começa, como vimos, com um querer e amor divinos e, em seguida, com os antepassados. Eles conseguiram de tal forma abrir-se para Deus que não restou dúvida a respeito de sua importância para a manutenção do privilégio da eleição. Aqui Deus fala, e sua palavra cria (*Gn* 1-2), chama e elege (*Gn* 12), liberta e salva (*Ex* 3). Essa experiência, que era de um povo, amplia-se e recebe uma interpretação universal e definitiva na pessoa de Jesus Cristo. A comunidade vai percebendo, através de seus gestos, palavras e práticas, que é ele o filho de Deus, revelador do projeto escatológico do Pai¹¹.

Como Deus prometeu ao ancestral Abraão (*Gn* 12,3), é em atenção a todos os povos que Israel é escolhido e, para confirmar essa atenção, João evangelista comenta:

¹⁰ PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 138; “(...) mediante esta Revelação, portanto, o Deus invisível (cf. *Col* 1,15;14-15) com eles se intretém (cf. *Bar* 3,38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber” (*DV*, 2).

¹¹ Cf. LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*, p. 311.

‘Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna’ (*Jo* 3,16- *DV* 2). Utilizando uma linguagem humana, Deus se aproxima dos seres humanos e lhes dirige sua palavra, tornando-se Emanuel, de forma que todos os acontecimentos que envolvem história dos homens e mulheres de todos os tempos são vistos histórico-salvificamente. Tudo isso vai acontecendo em etapas e em cada uma delas o autor sagrado vai revelando facetas do ser e do projeto de Deus¹².

Depois do processo de libertação do Egito, é tematizada a aliança no Sinai em que Deus promete ser o Deus do povo de Israel e Israel promete cultuar a Javé como único e verdadeiro Deus. A partir daí, é feita uma cultura do que veio antes – criação, Noé, Abraão – e o que virá depois – juízes, realeza, profecia, experiência sapiencial e apocalíptica. Cada etapa de sua história Israel a interpreta como um ato salvífico de Javé. O primeiro deles é o da bondade infinita de Deus manifestado na criação: criou todas as coisas boas; “e viu que tudo era bom”. Essa situação é definida por La Peña com o “otimismo ontológico”¹³.

Como segundo passo, temos a revelação especial a Abraão; como falávamos antes: “Deus chama e Abraão obedece e espera contra toda esperança. Nele Javé faz a promessa (*Gn* 12, 2-3) de uma terra (*Gn* 12,7;13,14-17;22,17) e de uma grande nação (*Gn* 15,5) e cobre-o de bênção assim como a sua geração. Estabelece com ele e sua descendência uma aliança (*Gn* 12;15,1-4.5.7). Em seguida, temos Moisés como ponto alto da Revelação veterotestamentária e novamente é Deus quem toma a iniciativa.

¹² *Id. Ibid.*, p. 311.

¹³ Cf. LA PEÑA, J. L. R. *Criação, Graça e Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 16.

Ouve o clamor do povo que estava no Egito e o liberta por Moisés. Essa experiência vai ser determinante para a construção e identidade do povo, assim como vai ser determinante para a concepção que este povo terá de Deus. Javé é o Deus dos ancestrais, o Deus da história, o Deus que liberta e caminha com o povo¹⁴.

Ao longo dos anos, a consolidação do povo foi se dando “pela conquista da terra pela atuação de homens carismáticos, chamados juízes e pela constituição de reis”. Essa experiência do Sagrado realizada na história vai permitir ao povo descobrir que rumos tomar em sua caminhada que muitas vezes foi contra a vontade de Javé, mas também providencial, para sempre de novo retornar como um “filho pródigo”.

A infidelidade do povo na aliança com Deus o fez passar por muitas provas: divisões do reino, guerras e derrotas ante outros povos, até parar no cativeiro da Babilônia. Nessa experiência de luta, sofrimento e pecado, surgem os profetas que vão interpretar esses acontecimentos, ajudando o povo a não desanimar na caminhada de adesão aos projetos de Deus e a manter firme a esperança no futuro. E, mesmo sem a luz esclarecedora dos profetas, esse povo foi capaz de elaborar uma literatura riquíssima em que estavam expressos os seus sentimentos mais profundos como povo de Deus. Isto foi através da literatura sapiencial, sálmica e apocalíptica. Tudo isto é válido e importante na percepção do rosto de Deus e de seu plano de misericórdia, até que na plenitude dos tempos, quis Deus tornar-se um do povo para assumir na carne o que se passava com este povo. Veio Jesus Cristo, para realização da promessa por definitivo, plenitude da Revelação¹⁵. Pela presença e manifestação de si mesmo, por palavras e obras, sinais e milagres, e especialmente por sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enviando finalmente o

¹⁴ Cf. LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 319s.

¹⁵ Cf. *Id. Ibid.*, p. 320s.

Espírito de verdade, aperfeiçoa e completa a Revelação e a confirma com testemunho divino que Deus está conosco (DV 4).

3 Jesus de Nazaré: a plena Revelação do projeto salvífico de Deus

3.1 O fato

No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. No começo ela estava voltada para Deus. Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. (...) E a Palavra se fez homem e habitou entre nós (Jo 1, 1-4.14).

Tudo aquilo que Deus realizava no meio do seu povo escolhido era por meio da Palavra: “Deus falou e tudo foi criado, ordenou e as coisas todas existiram”, nos diz um salmo. E a Palavra tornou-se nossa carne, habitando no meio da gente. Os Evangelhos falam e a Tradição comprova que sua vinda foi de modo muito simples e no meio de gente também muito simples, manifestando, com clareza, de que lado estava Deus. Aqui entra em cena, de modo determinante, a pessoa de Maria, humilde serva, preparada, de antemão, para ser a Mãe do Salvador da humanidade, mas que vivia o ordinário da vida, como todas as suas colegas, mas que diferentemente delas, soube preparar-se à altura da missão que assumiria. Fez-se pequena e em tudo agradou a Deus. Sua santidade, durante toda a sua vida, é reconhecida¹⁶, sendo premiada com uma especial visita e ela, “na anunciação do anjo, recebeu o Verbo de Deus no seu coração e no seu corpo, e deu a vida ao mundo” (LG 53), principalmente aos pobres e fracos que ansiavam por um libertador. Deus foi de fato benigno e

¹⁶ Cf. JOÃO PAULO II. *Santa durante a vida inteira*. L’Osservatore Romano, ed. port. n. 25, 22/06/1996, p. 12 (312).

sábio com seu povo, preparando-o, por meio dos seus servos e servas, lideranças no Antigo Testamento, e fez com que ele amadurecesse na caminhada, até que, “...quando chegou a plenitude dos tempos, mandou o seu Filho, nascido de uma mulher... para que recebêssemos a adoção de filhos” (*Gl* 4, 4-5). A comunidade não demorou a perceber que neste Jesus tratava-se justamente do verdadeiro revelador do projeto salvífico do Pai.

“Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora a nossos pais, nos profetas; nestes últimos tempos falou a nós no Filho” (*Hb* 1,1). A Palavra íntima de Deus torna-se um de nós, torna-se Evangelho, palavra de salvação para chamar os seres humanos à salvação¹⁷. Este foi um acontecimento de extrema importância, que recuperou o que desde sempre era sonho do Pai: “um povo que lhe agradasse”¹⁸. Mais humano que os próprios humanos, falou aos homens e mulheres, manifestando o verdadeiro rosto de Deus. Todos os Livros do Novo Testamento vão testemunhar a seu respeito:

A tradição sinótica descreve principalmente a economia da manifestação histórica do Cristo, ligando sua função de revelador a seu título de Messias, doutor e pregador. Os Atos apresentam os apóstolos como testemunhas e arautos do Cristo. São Paulo desenvolve a idéia de Revelação a partir do tema do mistério e do Evangelho. A Epístola aos hebreus compara a economia de ambas as Alianças, exaltando as excelências da Revelação em

¹⁷ Cf. LATOURELLE, R., *op. cit.*, p. 41

¹⁸ Cf. LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 321; O autor continua: “Jesus confirma, levando à plenitude a fase anterior e inaugura novos tempos, o novo Reino, o novo modo de o homem relacionar-se com Deus (*Mc* 1, 14s). Ele é o mensageiro escatológico, o próprio Filho bem-amado do Pai (*Mt* 3, 18), que vem coroar a longa preparação profética do Antigo Testamento. Ao chegar a plenitude dos tempos, o Pai o envia (*Gl* 4, 4). Ele é o caminho, a verdade e a vida (*Jo* 14, 6). Perfeito e escatológico revelador do Pai (*Mt* 11, 25-27; *Jo* 17)”.

Cristo. Para São João, a função reveladora de Cristo radica-se na sua qualidade de *Logos* e Filho¹⁹.

É Jesus Cristo, portanto, o Messias esperado, aquele no qual se concentra toda a realização das promessas do Pai. Não é o Messias político, que tanto almejavam os grupos judaicos manifestantes para travar uma luta armada com os romanos, mas alguém que traz como fundamento de seus ensinamentos um mandamento novo: o amor. Deus continua falando em nossa história, nas religiões, nas iniciativas em vista da vida e da dignidade humana, mas tudo deve ser entendido à luz da Revelação em Jesus Cristo²⁰.

3.2 O mistério do Reino de Deus: a salvação revelada aos pobres e oprimidos

Não existe salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não existe outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos (At 4, 12).

Todos os atos de Jesus são salvíficos, pois ele é a salvação do Pai em pessoa; e a parcialidade em favor dos excluídos da sociedade bem o revela. Os pecadores e pobres puderam contemplar e experimentar a salvação que Deus lhes prometeu, através do contato com Jesus. O seu projeto salvífico vai proporcionar aos menos amáveis a experiência do amor eterno do Pai; são estes que manifestarão melhor a acolhida da pessoa de Jesus e do Reino que ele veio anunciar:

¹⁹ R. LATOURELLE, R., *op. cit.*, p. 41.

²⁰ Cf. LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*, p 321.

A salvação que anuncia Jesus é amor gratuito, a partir do nada. Por isso, os desgraçados, os desprovidos de tudo, os espoliados dos valores (justiça) ou de bens (riqueza) são por antonomásia os agraciados, os destinatários naturais de um amor que só quer dar, não receber²¹.

Como é percebido nos sinóticos, a salvação, centro da mensagem de Jesus, identifica-se com o anúncio do reino de Deus²². Este é tido como a realidade que dava o sentido à missão de Jesus e, segundo K. Rahner, Jesus não prega a si mesmo e sim o Reino. Este era, portanto, o centro de sua pregação²³. Esse Reino, inaugurado por Jesus, já era esperado pelo povo de Israel ainda no Antigo Testamento, quando a expectativa estava voltada para o reinado de Javé sobre todo o Israel. O povo ainda estava submetido ao ‘senhorio injusto’ e esperava que, com a vinda do Reino, houvesse a libertação total dessa situação. Segundo as concepções proféticas e apocalípticas da época, essa vinda consistia numa renovação total da realidade em que, com Javé, as pessoas se tornariam mais solidárias e irmanadas entre si²⁴.

Este Reino é proclamado por Jesus de diversas formas. Os Evangelhos estão repletos de parábolas, milagres, discursos, enfim, sinais que demonstram que Jesus está a serviço do Reino de Deus²⁵ e revelam que o mesmo está próximo (*Mt* 4,17), que já está entre nós, através da própria atividade realizada por Jesus (*Mt* 4,23; 9,35) e que pertence àqueles que o aceitam: sermão da montanha (*Mt* 5, 3-10). É nas Bem-aventuranças que Jesus proclama a verdade do Reino dos céus.

²¹ LA PEÑA, J. L. R., *op. cit.*, p. 81.

²² Cf. REHBEIN, F., *op. cit.*, p. 152.

²³ Cf. RAHNER, K., *apud* HACKMANN, G. L. B. *Jesus Cristo, nosso Redentor*. (Col. Teologia - 7), Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 64.

²⁴ Cf. HACKMANN, G. L. B., *op. cit.*, p. 64s.

²⁵ Cf. *Id. Ibid.*, p. 76.

Felizes os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus; felizes os que choram, porque receberão consolo; felizes os mansos, porque herdarão a terra; felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados; felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia; felizes os puros de coração, porque verão a Deus; felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus... (Mt 5,3-10).

Este é tido como o discurso inaugural do Reino de Deus que já se aproxima dos seres humanos. São palavras que testemunham a salvação de Jesus que chega e reconduz para a vida os pobres e oprimidos. Estas trazem uma exigência que é a de não permitir que as coisas continuem como estão – opressão, injustiças – e esforçar-se para perceber no que é mais humilde a nova realidade²⁶. A ótica de Jesus, completamente contrária à ótica dos que o estavam ouvindo, e a prioridade de sua mensagem de salvação, vai ao encontro das necessidades daqueles considerados ‘os últimos’:

A partir das palavras de Jesus descobrimos o tipo de gente que encontra salvação no Reino de Deus: os pobres (5,3), os mansos (5,4), os que choram (5,5), os que têm fome e sede de justiça (5,6), os misericordiosos (5,7), os de coração puro (5,8), os pacíficos (5,9), os perseguidos por causa do Reino de Deus (5,10)²⁷.

Acolher e comprometer-se com o conteúdo desse discurso de Jesus é um ato de coragem, ousadia, que traz como consequência a felicidade para essas pessoas. A mensagem vinda do

²⁶ Cf. PIKAZA, J., *op. cit.*, p. 43.

²⁷ CRB, *op. cit.*, p. 149.

sermão da montanha é a chave da felicidade proposta por Jesus e que se concretiza nos sinais por ele realizados²⁸.

Os que são convidados a seguir Jesus, através do que é proposto nesse discurso, devem dispor-se de antemão à construção de uma nova realidade²⁹, pois agora são de fato portadores de uma 'alegria nova', conforme salienta J. Pikaza:

Os seguidores de Jesus, os cidadãos do reino neste mundo, os que são em aparência desditosos e oprimidos pelos homens (5,11-12), têm dentro de si a alegria nova. Por isso podem chamar-se verdadeiro 'sal de nossa terra', luz do cosmos (5,13-16). A luz de Deus brilha por eles e se estende; sem pretendê-lo, converteram a sua existência numa imensa missão que se abre ao mundo³⁰.

3.3 Mistério revelado aos pequenos: as parábolas e os milagres

a) As parábolas

Queremos iniciar este assunto, utilizando uma definição bastante simples que nos dá L. Cechinato, em seu livro sobre o Reino de Deus:

Parábola é uma palavra grega que significa comparação (...). É uma estorinha inventada para transmitir uma verdade superior. Em toda comparação há uma semelhança, mas não uma igualdade. Quer dizer que, ouvindo as parábolas de Jesus, vamos ter uma idéia aproximada e não um conhecimento perfeito de seu Reino. Naquela 'semelhança' sempre se esconde uma diferença, que não

²⁸ Cf. *Id. Ibid.*, p. 149s.

²⁹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 150.

³⁰ PIKAZA, J., *op. cit.*, p. 44.

conseguimos atingir com nossos conceitos: é o 'mistério'³¹.

Como podemos perceber, dentre os diversos sinais que expressam o Reino, as parábolas ocupam um lugar privilegiado, pois Jesus as utiliza, realizando a mais perfeita síntese entre a realidade sobrenatural, misteriosa, e a do seu povo, fazendo com que este experimente, desde já, um pouco da vida que ele promete. Falando do Reino do Pai, através de parábolas, Jesus mostra a sua verdadeira identidade e aumenta no povo as esperanças de salvação.

Percebemos muitas antíteses nas parábolas descritas por Mateus, principalmente no que trata da contraposição entre a multidão e os discípulos:

Á multidão Jesus narra as parábolas, particularmente aquela do semeador e da grama, mas apenas aos discípulos dá-lhes a explicação e explica por que se dirige às pessoas com parábolas. A contraposição entre quem não compreende e quem compreende constitui também o centro da explicação da parábola do semeador³².

As parábolas, por terem um conteúdo muito rico e questionador, provocam uma divisão em torno da pessoa do Cristo. É ao mesmo tempo um juízo, estabelecendo duas posições radicais: aceitar ou recusar³³.

b) Os milagres

Muitos estavam em dúvida quanto à pessoa de Jesus, inclusive João Batista. Este envia a Jesus um de seus discípulos pa-

³¹ CECHINATO. L., *O Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 49.

³² G. BARBAGLIO; G. FABRIS; R. MAGGIONI, B., *op. cit.*, p. 208.

³³ Cf. J. PIKAZA, *op. cit.*, p. 78s.

ra questioná-lo. A ele responde Jesus, utilizando as palavras do profeta Isaías: “Vão dizer a João o que estão vendo e ouvindo: cegos vêm, coxos andam, leprosos são limpos, surdos ouvem, mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (*Mt* 11,4-5; cf. *Is* 26, 19; 29,18-19; 35,5-6)³⁴.

Sinal da presença de Deus no meio do povo. Deus inter-vém com o seu poder no mundo, por meio do seu Filho, tornando mais dinâmica a sua missão e manifestando a intimidade existente entre ambos³⁵. São expressão da mensagem sobre o Reino, por estarem intimamente ligados à missão de Jesus, que devolve vida e alegria às pessoas que o procuram: “Os milagres de cura apresentam Jesus como salvador e também como aquele que remove as conseqüências do pecado, a doença humana e o sofrimento”³⁶.

Os milagres apresentam características peculiares, através das quais podemos perceber com clareza a ação divina. São elas a relação explícita com a fé, manifestação do poder e da autoridade de Jesus, nos vários ambientes e situações em favor das pessoas excluídas³⁷. A grande Boa-Nova que Jesus traz se manifesta através de sinais concretos. No próprio Jesus, o Reino de Deus se torna uma realidade concreta. Algo no mundo está mudando: os doentes saram, os pecadores descobrem o perdão de Deus³⁸. À pessoa que deseja sair de sua miséria e limitações, Jesus manifesta, através de gestos salvíficos, o senhorio de Deus, deixando transparecer que o que ele traz é uma proposta de vida nova e que depende da opção feita pela própria pessoa e da graça de Deus agindo nela – aspecto que estudaremos a seguir.

³⁴ Cf. CRB, *Op. cit.*, p. 25.

³⁵ Cf. HACKMANN, G. L. B., *op. cit.*, p. 70.

³⁶ Cf. *Id. Ibid.*, p. 70.

³⁷ Cf. *Id. Ibid.*, p. 71.

³⁸ Cf. VV.AA., *op. cit.*, p. 43.

3.4 Graça e salvação: o “já” e “ainda não”

O Reino acontece, porque o Deus da história decide fazer história com os seres humanos, tornando-a uma história de Salvação. É pura gratuidade e iniciativa do Deus da vida que, independentemente da ação e esforços humanos, manifesta o seu amor³⁹.

Gratuidade não quer dizer comodidade. Não foi de forma mágica que o Reino veio. Deus, embora aja por iniciativa própria, não se opõe à ação dos seres humanos; pelo contrário, a valoriza, pois o anúncio do Reino realizado por Jesus inclui a participação humana, conforme podemos conferir em J. Sobrino:

O mesmo fica claro no que toca aos ouvintes. A vinda do Reino exige uma conversão, metanóia, o que – embora deva ser precisado mais detalhadamente – é uma ação do ouvinte: a esperança que os pobres devem chegar a ter, a mudança radical de conduta que os opressores devem fazer, a exigência a todos de uma vida digna do Reino⁴⁰.

Como se percebe, em se tratando do Reino de Deus, graça e ação pessoal devem estar unidas. É esse processo de conversão, por parte do ser humano, para acolher a Boa-Nova (dom e graça), que vai caracterizar o Reino como algo dinâmico. É na atividade de Jesus que ele se torna concreto e revela toda a sua dinamicidade:

O próprio Jesus, que anuncia a gratuidade do Reino, não deduz daí a inatividade para com o Reino, mas antes realiza uma série de atividades relacionadas com ele. Que ele o faça, porque o Reino vem – e assim pode fazer esses sinais – ou para

³⁹ Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 119.

⁴⁰ *Id. Ibid.*, p. 120.

que venha o Reino e assim dessa ação de Jesus depende sua vinda – não se pode esclarecer de modo puramente teórico, pois existencialmente esses dois aspectos estão unidos em Jesus, mas o decisivo é acentuar o fato mesmo: Jesus serve ativamente ao Reino⁴¹.

O anúncio da Boa-Nova do Reino é graça, proporcionado pela iniciativa absoluta e bondade infinita de Deus,⁴² que é o Deus de toda graça (*IPd* 5,10). A graça é algo que é dado (*Tg* 4,6; *IPd* 5,5) e a ela temos acesso, através do próprio Cristo (*Rm* 5,2), que anuncia a Boa-Nova, preferencialmente aos mais necessitados, conforme analisaremos mais adiante.

O Reino de Deus, além do que já falamos, manifesta um grande desafio: aceitar ou não a soberania de Deus no mundo. Esta é sua dimensão escatológica⁴³ da qual também fala J. Sobrino, utilizando os termos ‘já’ e ‘ainda não’. Identificando o ‘já chegou’ como mediador normado por Jesus e levado adiante por seus seguidores, Sobrino aponta para os sinais que foram manifestos por meio de Jesus e que vêm acontecendo na história⁴⁴.

Não podemos absolutizar o aparecimento real do mediador como se fosse somente isso que Deus quer, esquecendo a totalidade do seu projeto salvífico: não somente um mundo melhor mas totalmente novo, transformado. É preciso dar-se conta do que o Deus do Reino vem realizando no ontem e no hoje da história, projetar-se para o que ele pretende realizar ainda pela humanidade e aceitar o convite a construir um mundo novo. Na verdade, ainda há muito a ser revelado e a ser realizado, pois

⁴¹ *Id. Ibid.*, p. 120.

⁴² Cf. HACKMANN, G. L. B., *op. cit.*, p. 66.

⁴³ Cf. J. MCKENZIE, J., *op. cit.*, p. 788.

⁴⁴ Cf. SOBRINO, J., *op. cit.*, p. 165.

o Reino de Deus não é inteiramente idêntico à sua proclamação ou ao seu anúncio. Uma única e mesma realidade meta-histórica e celeste manifesta-se em diferentes pontos do tempo e revela-se como algo que se move no sentido de uma completa e total manifestação. Ela não vem como uma conquista imperial, mas como um desafio dirigido individualmente a cada pessoa; diversamente do reinado de César, o Reino de Deus estabelece-se mediante a entrega livre dos homens à sua soberania⁴⁵.

O sentido escatológico do Reino está no rompimento das forças que impedem o ser humano de relacionar-se bem com Deus, de perceber o seu amor gratuito. A realização do Reino acontecerá por definitivo, quando o amor a Deus e ao próximo for vivido na sua plenitude. W. Kasper vai afirmar justamente que o amor se manifesta como o sentido do ser e é nele – no amor – que tanto o homem como o mundo encontra sua plenitude. Só o amor permanece; só as coisas realizadas com amor e pelo amor têm consistência⁴⁶.

3.5 A mensagem de salvação num contexto de opressão e exclusão

O contexto ao qual nos referimos acima é o latino-americano, caracterizado por uma economia de mercado que valoriza o lucro e a globalização, oprimindo pessoas, gerando, como consequência, uma massa de excluídos, os quais não têm as mínimas condições de competir e de se autopromover socialmente. Essa massa sobranete tende a aumentar cada vez mais, pois o próprio sistema que a gerou concentra nas mãos de um número

⁴⁵ MCKENZIE, J., *op. cit.*, p. 789.

⁴⁶ Cf. W. KASPER, *apud* SOBRINO, J., *op. cit.*, p. 181.

cada vez mais reduzido de pessoas o poder, a renda e diversos privilégios. Diante desse quadro, a Igreja latino-americana se mostra sensível:

Do coração dos vários países que formam a América Latina está subindo aos céus um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e que clama por justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos (*Puebla* 87).

Num continente como o nosso, solidariedade se faz necessária como manifestação concreta de nossa práxis cristã e de nossa adesão ao projeto do Reino anunciado por Jesus Cristo: vida em abundância para todos. Somos desafiados pela nossa fé a não fecharmos os olhos e o coração, mas a assumirmos de fato o compromisso assumido pela Igreja universal:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos povos e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (*GS* 01).

Através do anúncio do Reino, Jesus oferece o amor de Deus a todos, mas não da mesma maneira. Segundo J. Sobrino, ele anuncia o Reino para todos e deseja que este se torne de todos. Não exclui ninguém da possibilidade de entrar nele, mas atinge preferencialmente certos grupos de pessoas: os pobres, marginalizados, excluídos, pessoas que, para a sociedade de seu tempo, possuíam pouco valor⁴⁷. Jesus os consola, através de uma nova visão de Deus e da realidade, dando-lhes a certeza de que o

⁴⁷ Cf. SOBRINO, J., *op. cit.*, p. 124.

Pai de fato os ama. Isto é confirmado em *Mt* 11,5: ‘A Boa-Nova é anunciada aos pobres’ e reforçado ainda por J. Sobrino:

Aqueles para quem é sumamente difícil dominar o fundamental da vida, aqueles que vivem no desprezo e na marginalização, aqueles que vivem oprimidos, aqueles, em suma, para os quais a vida não oferece horizonte de possibilidades, aqueles, além disso, que se sentem afastados de Deus, porque sua sociedade religiosa introjetou isso neles, a esses Jesus diz para terem esperança, que Deus não é como os seus opressores fizeram pensar, que o fim de suas calamidades está perto, que o Reino de Deus se aproxima e é para eles⁴⁸.

Falar do anúncio aos pobres, na América Latina, é também recordar as maravilhas realizadas por Javé em todo o Antigo Testamento em favor do seu povo escolhido, porque deseja para este mais vida e liberdade. Durante o tempo em que o povo estava ‘sem direção’, errante pelo deserto ou escravo no Egito, Deus não cessou de manifestar-lhe seu amor. Esse amor assume sua expressão máxima na doação do Filho, tendo como destinatários aqueles cuja vida era ameaçada pelas leis injustas e opressoras de uma sociedade conflitiva e elitista que privilegiava os que tinham boas condições de vida. Essa sociedade precisava ser iluminada e renovada pela Boa-Nova do Reino.

O Reino de Deus, como essência da missão de Jesus, torna-se, no contexto latino-americano, um modelo alternativo diante de uma sociedade egoísta, violenta, individualista, consumista e agressora. A intenção de Jesus, ao anunciar o Reino, era eliminar as amarras que impedem a comunhão entre Deus e os pobres⁴⁹.

⁴⁸ *Id. Ibid.*, p. 128.

⁴⁹ Cf. CRB, *op. cit.*, p. 159.

4 Fora da Igreja, há salvação

Como vimos acima, Israel tinha consciência de ser povo escolhido de Deus, como de fato era. Foi decisão do próprio Deus, ao longo da história, manifestar-se a ele. Em Jesus Cristo, essa Revelação encontra o seu ponto máximo, e a Igreja guarda com afincos essa verdade e a interpreta com autoridade até aos nossos dias. Tal privilégio, ao longo da história, não foi bem interpretado:

Todos os povos que estavam fora do seu horizonte, praticamente eram considerados como imersos no erro, nas trevas e simplesmente destinados à condenação eterna. Tal mentalidade existiu entre os judeus e foi herdada pela Igreja, que chegou a plasmar o axioma teológico: 'Extra Ecclesiam nulla salus': fora da Igreja não há salvação⁵⁰.

Para entendermos o porquê de tal axioma, se faz necessária uma contextualização. Para alguns autores, surgiu com Inácio de Antioquia; para outros, com Cipriano. Ligam-se ao mesmo Inácio e Ireneu de Lião as primeiras evoluções do pensamento em torno do assunto. Sobre a relação Cristo-Igreja-indivíduo, Ireneu assim se expressa:

Este Dom de Deus (a fé) foi confiado à Igreja (...). É nela também que foi a comunhão com Cristo (...). Onde está a Igreja aí está também o Espírito de Deus (...). Por isso os que se afastam dele e não

⁵⁰ LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 140.

se alimentam para a vida aos seios da Mãe não recebem nada da fonte puríssima (...)⁵¹.

Este trecho era dirigido diretamente aos cristãos, pois, naquele contexto, enfrentavam-se na Igreja muitas apostasias e muitas divisões. Orígenes também utilizou tal axioma, no intuito de conseguir novos adeptos para o cristianismo, entre os judeus. Mas, com a caminhada que a própria Igreja teve e com abertura aos “sinais dos tempos”, a mentalidade foi mudando, até que o Concílio Vaticano II vai colocar “em evidência o universalismo como esperança e como promessa feita a todos”⁵². O Concílio retém a posição que defende a originalidade e plenitude da Revelação de Deus, acontecida em Jesus, a partir da história de Israel, povo escolhido. No entanto, mostra-se aberto em textos como os que seguem:

Por meio de religiões diversas procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana e, por isso, ‘a Igreja católica nada rejeita ao que há de verdadeiro e santo nessas religiões’ (NA n. 1.2); “Familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas” (AG, 11); “(...) os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus (LG, 16).

Nesse sentido, ‘cai por terra’ o axioma “fora da Igreja não há salvação”. As sementes do Verbo, presentes em cada religião, orientam as manifestações humanas para a verdadeira luz. Fora

⁵¹ IRENEU *apud* PILOTTI, João. As ‘sementes do Verbo’ na teologia das religiões a partir do Vaticano II: do movimento ecumênico ao diálogo inter-religioso *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 31, n. 131, março 2001, p 132.

⁵² *Id. Ibid.*, 133.

da Igreja Deus também revela e realiza seus feitos salvíficos e é preciso ser reconhecido pelos cristãos, pois

As religiões têm valor próprio. Elas são mediação de salvação, por elas mesmas, para bilhões de pessoas. Os fiéis de outras religiões não alcançam a salvação, apesar de suas religiões, mas antes delas e mediante elas⁵³.

O Dom da salvação que Jesus oferece é gratuito e se estende a todos os povos. Essa realidade, também para o próprio Jesus, foi uma caminhada, pois, no meio em que ele vivia, era forte a mentalidade que sustentava a posição de que a salvação era só para Israel. Muitas vezes, estrangeiros o ajudaram a ampliar os horizontes da mensagem salvífica, pois, se alguns, em sua terra, o rejeitaram, outros estavam sedentos:

Atesta-o o encontro com o centurião para anunciar que muitas pessoas virão do Oriente e do Ocidente e serão admitidas no Reino (cf. *Mt* 8, 5-13). A parábola do banquete (*Lc* 14, 15-24) e a surpreendente profissão de fé que o evangelista Marcos coloca na boca do centurião, ao final do episódio da morte de Jesus na cruz, na qual ele exclama: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (*Mc* 15, 39); o encontro com os samaritanos e o Dom da ‘água viva’ (*Jo* 4, 1-42) também são casos emblemáticos da práxis de Jesus em relação àquelas pessoas que são de fora⁵⁴.

Os de fora, os gentios ou pagãos, os que estão longe, os não-cristãos (não importa que termo usemos) são incluídos no projeto salvífico de Jesus Cristo que é a vontade salvífica e uni-

⁵³ LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p 277.

⁵⁴ PILOTTI, J., *op. cit.*, p. 129s.

versal de Deus. A todos é oferecida a possibilidade de participar no mistério pascal do Filho. “Também aqueles que não o conhecem e o procuram em símbolos e imagens, tentando encontrá-lo, através da prática das suas religiões, realizam a salvação, mediante a entrega ao Mistério Absoluto, tornado concreto na doação aos irmãos, praticando a fraternidade e o amor para com seu semelhante”⁵⁵.

5 Diálogo inter-religioso: o Deus único “pede passagem”⁵⁶

Temos dado nossa vida pelo bem dos outros, mas não conseguimos aceitar como legítima e verdadeira a alteridade dos outros. Essa é ainda uma de nossas mais fortes características do Ocidente: nossa incapacidade de avaliar a diferença – espe-

⁵⁵ REHBEIN, F. C., *op. cit.*, p. 151.

⁵⁶ Aprofunde em FELLER, V.G. *O Deus da Revelação*. São Paulo: Loyola, 1988; FERRARO, B. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993; GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990; LIBANIO, J. B. *Deus e os homens: os seus caminhos*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 140-149; *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992; *Diálogo Inter-religioso*. Apud *Jornal de Opinião*, Encarte especial, novembro de 2000; MESTERS, C. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995; MIRANDA, Mário de França. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, Col. Religiões em diálogo, 1998; O Evangelho no coração das culturas. *Revista Debate*, Viamão, v. 01, n. 02, março de 1995; Pontifício Conselho para Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991; Secretariado para os Não-Cristãos. *Diálogo e Missão*. A atitude da Igreja perante os seguidores de outras religiões. SEDOC, 17/176, nov. 1984, Petrópolis, p. 387-399; SESANA, Kizito. Espaços onde Evangelho e cultura se encontram. *Sem Fronteiras*, n. 226, fevereiro de 1995, p. 38-41; SWIDLER, L. *Cristãos e não-cristãos em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 1988; TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus 1995; e também do mesmo autor: *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

*cialmente a diferença religiosa – de forma positiva, respeitosa e acolhedora*⁵⁷.

5.1 Montando as bases: a urgência do diálogo

A realidade religiosa na qual nos encontramos e as novas concepções de Revelação provam a urgência do diálogo. Não é possível que repitamos, nesse aspecto, a opressão existente na esfera econômica e política em que as decisões partem sempre de alguém ou grupo que está em cima e os outros não são contados. Na esfera religiosa é necessário termos presente que

Qualquer religião que se proponha ‘prosseguir sozinha’, como se possuísse todas as respostas e toda a verdade, perde o contato com a Revelação e com a realidade. Todas as religiões têm os mesmos objetivos: plenitude da pessoa humana, felicidade nesta vida e na outra⁵⁸.

A teologia católica diz que o único e verdadeiro Deus chamou todos os povos à salvação. Muda-se o discurso, quando se fala que as águas abundantes dos mananciais da Revelação passam pelas terras das outras religiões e que, embora o cristão tenha o mapa (Jesus Cristo como chave hermenêutica para as outras Revelações) de tais mananciais, não pode desmerecer a existência de fontes abundantes de água viva em terreno alheio. Antes de chegar em qualquer território, a chuva do Espírito Santo já se antecipou, criando lençóis profundos, “implantando” as “sementes do Verbo”, permitindo que nascessem maravilhosas plantinhas religiosas em muitos terrenos deste imenso universo⁵⁹. O

⁵⁷ ELIZONDO, V. Cristo na Ásia: alguns aspectos das lutas. *Concilium*, Petrópolis, v. 246, 1993/2, p. 4s.

⁵⁸ L. MARTIN, L., *apud* SWIDLER, L., *op. cit.*, p. 6.

⁵⁹ Cf. LIBANIO, J. B., *op. cit.*, p. 275.

teólogo J. B. Libanio, utilizando uma linguagem bem simples a respeito desse assunto, assim conclui:

O missionário não sai do jardim de sua Revelação para o deserto das outras religiões, mas de um jardim para outro, onde viajam plantas diferentes. Todas, porém, alimentadas pela mesma água do Espírito⁶⁰.

Quando se fala em diálogo, é necessário ter disposição para mudar e crescer, e não ficar exigindo a mudança do outro. O verdadeiro diálogo acontece, quando ninguém precisa renunciar à sua fé por causa do encontro com outra fé⁶¹. É na procura da verdade que o diálogo encontra seu sentido. Só dialoga quem busca a verdade; mas quem se considera dono dela não tem por que dialogar. Nesse sentido, é louvável o esforço dos cristãos e não-cristãos na busca sincera do entendimento e do respeito e valorização mútuos. Ainda há muito que crescer, mas muitos passos já foram dados⁶².

Quando eu, como cristão, conheço judeus como pessoas religiosas, que levam vidas humanas íntegras, santos fora da plenitude do judaísmo, confronto-me com a seguinte questão: qual é a origem desta santidade, dessa integridade? Claro que não é o cristianismo (...). É claro, então, que a única resposta possível é que a fonte da santidade, da integridade do judeu seja sua religião judaica, o Deus que está por trás da mesma, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó e de Jesus⁶³.

⁶⁰ *Id. Ibid.*, p. 275.

⁶¹ Cf. SWIDLER, L., *op. cit.*, p. 18s.

⁶² Cf. CNBB. *Guia para o diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, Col. Estudos da CNBB, 1987, p. 13-23.

⁶³ SWIDLER, L., *op. cit.*, p. 77.

Como se pode perceber acima, o pressuposto fundamental para o diálogo é reconhecer a base comum: o Deus da vida, o Deus da história, que quis caminhar com você e comigo; portanto, conosco. Ele quer falar, e só compreendemos sua mensagem com eficácia também no diálogo com pessoas de outras religiões. Apresentaremos, a seguir, na íntegra, algumas regras que o autor Swidler coloca como fundamentais no diálogo inter-religioso. Como pré-requisito essencial ele fala da disposição e prontidão para ouvir o outro como outra pessoa e ouvir significa muito mais que parar de falar, significa colocar entre parênteses “minhas convicções cristãs explícitas”: seguem então as regras⁶⁴:

Regra primeira: O propósito primeiro do diálogo é aprender, isto é, mudar e crescer na percepção e compreensão da realidade, para agir de acordo com a mesma. Dialogamos, para que possamos aprender, mudar e crescer e não para forçar o outro a mudar, como se espera conseguir no debate.

Regra segunda: O diálogo interideológico, inter-religioso, deve ser um projeto dos dois lados – tanto dentro de cada comunidade ideológica ou religiosa como entre as comunidades ideológicas ou religiosas.

Regra terceira: cada participante deve entrar no diálogo com sinceridade e honestidade total.

Regra quarta: No diálogo inter-religioso ou interideológico, não devemos estabelecer comparações entre nossos ideais e a prática de nosso parceiro.

Regra quinta: cada participante deve definir-se. Somente um judeu, por exemplo, pode definir com autenticidade o que significa ser judeu.

Regra sexta: cada participante deve vir para o diálogo, sem preconceitos rígidos e superficiais, no tocante a quais sejam os pontos de discordância.

⁶⁴ *Id. Ibid.*, p. 80-84.

Regra sétima: o diálogo só tem lugar entre iguais, como o Vaticano II coloca, *par cum pari*, ou de igual para igual. Ambos devem aprender um do outro.

Regra oitava: o diálogo só se realiza na base da mútua confiança.

Regra nona: a pessoa que vai participar de um diálogo inter-religioso ou interideológico deve possuir um mínimo de autocrítica, tanto com referência a si mesma, como com referência à sua própria tradição religiosa ou ideológica.

Regra décima: cada participante deve, ocasionalmente, procurar experimentar a religião ou ideologia do outro “de dentro”, pois uma religião ou uma ideologia não é algo que está apenas só na cabeça das pessoas, mas que está no espírito, no coração e no “ser inteiro”.

São regras básicas e que nos fazem pensar justamente na urgência e necessidade do diálogo que, “quando conduzido pacientemente, pode tornar-se instrumento de uma nova Revelação⁶⁵”. Percebendo isso, em grande parte das diversas iniciativas religiosas, em torno do assunto, alimentamos a esperança de uma grande interação religiosa onde o único Deus possa ser tudo em todos.

5.2 Diálogo possível: declarações e orientações conciliares

Como qualquer outro, o diálogo religioso pressupõe reciprocidade: “reconhecimento mútuo de valores e de verdades, enriquecimento recíproco, graças aos contatos e intercâmbios, caminhada conjunta em busca da expressão mais plena do significado último da vida humana, ajuda mútua e ação conjunta. Sem reciprocidade, não há diálogo⁶⁶. Acreditando nessa verdade, a I-

⁶⁵ Cf. SWIDLER, L., *op. cit.*, p. 85.

⁶⁶ Cf. CNBB. *Guia para o diálogo inter-religioso*, p. 52.

greja Católica muito tem-se manifestado, definindo sua posição, não reivindicando mais para si o monopólio religioso, mas sendo promotora de diálogo, consciente do caminho de salvação que é Jesus Cristo. Essa nova posição da Igreja se percebe na Encíclica *Ecclesiam suam*, a qual antecipa muitos pontos proclamados pelo Concílio:

Não queremos subtrair-nos ao reconhecimento respeitoso dos valores espirituais e morais das diferentes confissões religiosas não-cristãs. Queremos com elas promover e defender os ideais que podemos ter em comum nos campos da liberdade religiosa, da fraternidade humana, da beneficência social e de ordem civil. A respeito de nossos ideais comuns, um diálogo de nossa parte é possível e não deixaremos de oferecê-lo, quando, com respeito recíproco e leal, ele possa ser prazerosamente aceito⁶⁷.

O Papa Paulo VI, atendendo às moções do Espírito, vai mais além no seu discurso de abertura da II Sessão do Concílio:

A Igreja estende um olhar além da sua esfera própria. Considera as outras religiões que conservam o sentido e a noção de um Deus único, supremo e transcendente, criador e Providência. Essas religiões prestam a Deus um culto por atos de piedade sincera e apóiam suas crenças e suas práticas às bases da vida moral e social. A Igreja lhes declara que o catolicismo dá a devida estima a tudo o que elas possuem de verdadeiro, de bom, de humano⁶⁸.

⁶⁷ CINTRA, R. 116; cf. também CNBB, *op. cit.*, p. 15s.

⁶⁸ *Id. Ibid.*, p. 116.

Utilizando a noção de Igreja Povo de Deus, o Concílio proporciona aos não-cristãos um espaço e um reconhecimento ainda maior: é o que se percebe na *Lumen Gentium*.

Todos os homens são chamados a pertencer ao Povo de Deus. Por isso esse Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todo o mundo e por todos os tempos, para que cumpra o desígnio da vontade de Deus... Assim, pois, o único Povo de Deus se estende a todos os povos da terra, recebendo de todos eles seus cidadãos para fazê-los cidadãos de um mesmo Reino (LG 13).

O mesmo documento continua dizendo que “os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam, por diversos modos, ao Povo de Deus” (LG 16). A Igreja mostra-se guiada pelo Espírito Santo, assumindo a postura do reconhecimento, condição indispensável no diálogo entre religiões. O fato de haver um modo concreto, em que Deus se relacione com uma tradição determinada, não quer dizer exclusivismo, eleição arbitrária ou favoritismo. Trata-se de levar em conta as condições reais de suas possibilidades, mas trazendo sempre intrinsecamente uma destinação universal de salvação⁶⁹. Por isso

a Igreja nada deve rejeitar ou subtrair dos bens existentes entre os que pertencem a este Povo de Deus, até, pelo contrário, fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purificando-os, reforça-os, eleva-os... Em virtude dessa catolicidade, cada uma das partes traz os dons às demais partes e à própria Igreja. Assim o todo e cada uma

⁶⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, A., *op. cit.*, p. 39.

das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando à plenitude⁷⁰ (LG 13).

No documento específico sobre a relação com as religiões não-cristãs, o Concílio parece ser mais incisivo. Embora se trate de um dos documentos mais breves, traz afirmações muito fortes, novas e abrangentes, as quais já tivemos ocasião de comentar:

Todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade. Têm uma origem comum, uma vez que Deus fez todo o gênero humano habitar a face da terra. Tem igualmente um único fim comum, Deus, cuja Providência, testemunhos de bondade, e planos de salvação, abarcam a todos, até que os eleitos se reúnam na Cidade Santa, que será iluminada pelo esplendor de Deus e em cuja luz caminharão os povos (NA 1).

Após um estudo aprofundado de povos e culturas e ao dar-se conta da riqueza religiosa aí existentes, nos faz notar o seguinte:

Por meio das religiões diversas procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana, que tanto ontem como hoje afligem intimamente o espírito dos homens (...). A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nessas religiões. Considera ela com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas (NA 1,2).

E diante de iniciativas individuais ou coletivas de busca de Deus, assim se expressa o Concílio, no documento *Ad Gentes*, a respeito do plano divino da salvação:

⁷⁰ Este também é um trecho citado por CINTRA, *op. cit.*, p. 118.

Este universal plano divino em prol da salvação do gênero humano não se realiza apenas dum modo quase secreto no interior dos homens ou por iniciativas, mesmo que sejam religiosas, nas quais, de muitos modos eles procuram a Deus, mesmo às apalpadelas, para ver se O encontram, apesar de não se achar longe de todos nós (LG 3).

Levando em conta a realidade acima colocada e solicitando uma cooperação maior na atividade missionária, o Papa João Paulo II, na *Redemptoris Missio*, assim se refere ao missionário:

Ele é o ‘irmão universal’, que leva consigo o espírito da Igreja, sua abertura e amizade por todos os povos e por todos os homens, particularmente pelos mais pequenos e pobres. Como tal supera as fronteiras e as divisões de raça, casta, ou ideológica: é sinal do amor de Deus no mundo, que é um amor sem qualquer exclusão nem preferência (RM 91).

Continuando essa questão missionária, o Concílio nos lança um apelo a percebermos uma “secreta presença de Deus entre as nações” (AG 9) e a “descobrir com alegria e respeito as sementes do Verbo aí ocultas”. Este é um conceito patrístico que revela a ação livre do Verbo divino⁷¹ (AD 11).

Por isso tudo quanto de bom se encontra semeado no íntimo dos homens ou nos ritos e culturas dos povos, não apenas permanece, mas é sanado, elevado e consumado para a glória de Deus (9/884). Considerem atentamente como poderão ser assumidas na vida religiosa cristã as tradições ascéticas e contemplativas, cujas sementes já antes da

⁷¹ Cf. o artigo de PILOTTI, J., *op. cit.* p. 129s.

pregação evangélica Deus alguma vez implantara nas culturas antigas (18/920).

Ao analisar esses textos, temos que admitir que o Espírito Santo foi de fato acolhido em suas moções; o Deus único ‘pediu passagem’ e, em meio às nossas limitações e falhas, conseguimos dá-la. Os séculos que nos antecederam foram marcados por muitos entraves, no que se refere ao não-reconhecimento da Revelação divina aos não-cristãos. O modo de ação de Deus novamente supera o nosso modo limitado de agir e, se de fato nos sentimos Igreja, Povo de Deus, longe de colocar empecilhos ao diálogo, seremos sempre os primeiros a fomentá-lo, contribuindo para que esses escritos, que analisamos acima, saiam do diálogo possível e se tornem realidade hoje e sempre, certos de que “a Revelação cristã não esgota toda possibilidade de Revelação; Deus é livre de manifestar-se em outras religiões”⁷².

6 Reconhecendo as diferenças

“É mister que os católicos reconheçam, com alegria, e estimem os bens verdadeiramente cristãos, oriundos de um patrimônio comum, que se encontram entre os irmãos separados de nós. É justo e salutar reconhecer as riquezas de Cristo e as obras de virtude na vida dos que testemunham em favor de Cristo, às vezes até à efusão de sangue: Deus é sempre admirável e digno de admiração em suas obras” (*UR 4/772*).

As diversas iniciativas, no campo ecumênico, empreendidas pelas Igrejas cristãs, têm sido fruto de um desejo intenso de comunhão. É impressionante o esforço incansável de aproximação, compreensão e diálogo, existentes nas diversas organizações

⁷² LIBANIO, J. B. Diálogo inter-religioso . *Jornal de Opinião*, encarte especial, novembro de 2000.

dos que confessam a mesma fé em todo o mundo. Como vimos acima, no reconhecimento mútuo do que Deus realiza em cada uma das partes é que acontece a comunhão. Tudo isso nos faz perceber a dinâmica do Espírito Santo, para o qual não existem fronteiras que não possam ser derrubadas. Em meio a tantas diversidades, ele vem suscitando a unidade. Este Espírito de Comunhão tem realizado maravilhas, ao longo da história, principalmente no que se refere à própria concepção ecumênica, em que cada uma das partes envolvidas armava-se com muitos argumentos para defender a sua verdade sobre Jesus, criticando os outros, considerando-se donos da verdade, fixando-se mais em suas diferenças, naquilo que causava ainda mais divisão. Houve uma abertura maior para a ação do Espírito, de sorte que passaram a perceber que o caminho não era aquele; mudou-se a postura; o diálogo passou a nortear as discussões. Percebeu-se que a diferença de cada um pode ser riqueza para o outro; é preciso caminhar e juntos buscar o que é fator de comunhão.

O discurso sobre a busca de unidade, infelizmente foi malcompreendido, tanto por parte de algumas lideranças, como por parte de outros fiéis. Longe de ser uniformidade ou anulação das diferenças individuais, trata-se de acolher o diferente, respeitando-o no seu modo de ser e refletir, descobrindo sempre mais o que causa aproximação. Essa busca não impede que se pense diferentemente, mas empurra ambas as partes à verdade que os une. Quando Jesus diz que é a verdade e quem é da verdade ouve a sua voz, não se refere a ritos, fórmulas ou modos de fazer as coisas, características acidentais. Ele chama a atenção para o que é essencial: a verdade que ele é. Uma cristologia que parte de Jesus como parâmetro da verdade é uma cristologia que fomenta a unidade. Ela é referência comum a todos. E como a verdade é Jesus, a busca de conhecê-la sempre mais só pode levar-nos a engajarmo-nos no diálogo ecumênico. Recusá-lo conscientemente seria um ato de irresponsabilidade, pecado, ou ir contra aquilo que reconhecemos ser correto.

O caminho de aproximação foi iniciado, o passo caracterizado pela fraterna superação das divisões entre as diferentes Igrejas cristãs já foi dado. O que resta agora é que todos contribuam para vencer as dificuldades, que impedem o avanço ecumênico. O Espírito agiu, fez com que diminuíssemos as tensões; agora temos a grande responsabilidade de sermos fiéis à verdade e à justiça, enquanto buscamos superar as divergências e trabalhar em conjunto. Sabemos, também, que o caminho ecumênico tem que ser trilhado com caridade, humildade, prudência, boa formação e amor ao cristianismo. O Papa, em sua carta sobre a unidade dos cristãos, diz que a divisão contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do evangelho a toda criatura (*UUS* 6). De fato, a grande vítima tem sido a evangelização, pois é difícil acreditar quando os que pregam o evangelho se comportam como inimigos. É claro que não dá para generalizar, mas se ainda há impasses no entendimento, é porque algumas lideranças das diferentes partes se fecham, acompanhando o processo com certo indiferentismo a respeito da riqueza que essa novidade pode trazer. Muitos estão com o receio de ficar menos católico, menos protestante, etc. A verdade é que deixamos de pensar como Jesus, que se preocupava com os que precisavam crer a partir do testemunho de união das comunidades cristãs. Esquecemos que precisamos, como cristãos, estar unidos para que o mundo creia.

Não é conveniente continuarmos chocando as pessoas com um Jesus dividido, um Jesus que só serve para um grupo e não serve para outro. Está mais do que na hora de sermos evangelhos vivos, colocarmos no centro de nossas buscas e aspirações a pessoa e a proposta de Jesus Cristo. A atitude de Jesus diante do diferente era de escuta e de acolhida; precisamos reaprender dele. Se de fato somos cristãos e acreditamos na possibilidade de unidade rezada por Cristo, realizaremos o que diz Santo Agostinho: “Nas coisas essenciais, a unidade; nas coisas duvidosas, a liberdade; em tudo, a caridade”. Essa expressão é reto-

mada pelo Concílio que a propõe como compromisso aos católicos e cristãos de todo o mundo: “Resguardando a unidade nas coisas necessárias, todos na Igreja, segundo o múnus dado a cada um, conservem a devida liberdade, tanto nas várias formas de vida espiritual e de disciplina, quanto na diversidade de ritos litúrgicos, e até mesmo na elaboração teológica da verdade revelada. Mas em tudo cultivem a caridade. Agindo assim, manifestarão, sempre mais plenamente, a verdadeira catolicidade e apostolicidade” (UR 4/771).

Conclusão

A caminhada que fizemos nos leva a concluir que Deus, em sua infinita bondade, criou-nos e nos mantém na existência, por amor. Sobre isso vão estar de acordo o africano, o judeu, o cristão, o afro-brasileiro, etc. Este mesmo Deus, utilizando modos, que só ele conhece, quis revelar-se à humanidade, nas religiões, fazendo com que todos os povos, por diversos meios, passassem a procurá-lo. Quis revelar-se, de modo pleno, em Jesus Cristo, que veio comunicar-nos que, no coração do Pai, há espaço para todos. Até mesmo àqueles, que não têm contato com essa mensagem de salvação, está sendo reservado. A mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus trouxe ao mundo uma nova realidade. O conteúdo dessa mensagem, expresso de maneira simples e clara, foi determinante para os que seguiam o Mestre e estavam dispostos a doarem sua vida por ele. Para as comunidades, às quais o evangelho estava sendo dirigido, por primeiro, havia soado como orientação e, ao mesmo tempo, exigência para manterem-se vivas e frutuosas.

Jesus, ao anunciar o Reino, não força as liberdades para aceitar o que ele diz, nem afirma taxativamente que todos estão errados, mas, como é próprio do Reino, em sua essência, preocupa-se em observar o processo de crescimento de sua comunidade. Diz somente o que eles podem suportar, o que está ao seu al-

cance. A proposta de Jesus é de libertação, libertação do sistema opressor com todas as suas artimanhas. Na medida em que se coloca o projeto de vida de Jesus como parâmetro para se caminhar, é que, quem se diz seu discípulo, encontra mais criatividade e dinâmica para dialogar com outros irmãos e irmãs que também são filhos e filhas de Deus; vencerá toda espécie de intolerância contra as injustiças e tudo aquilo que age contra a realização do Reino entre nós.